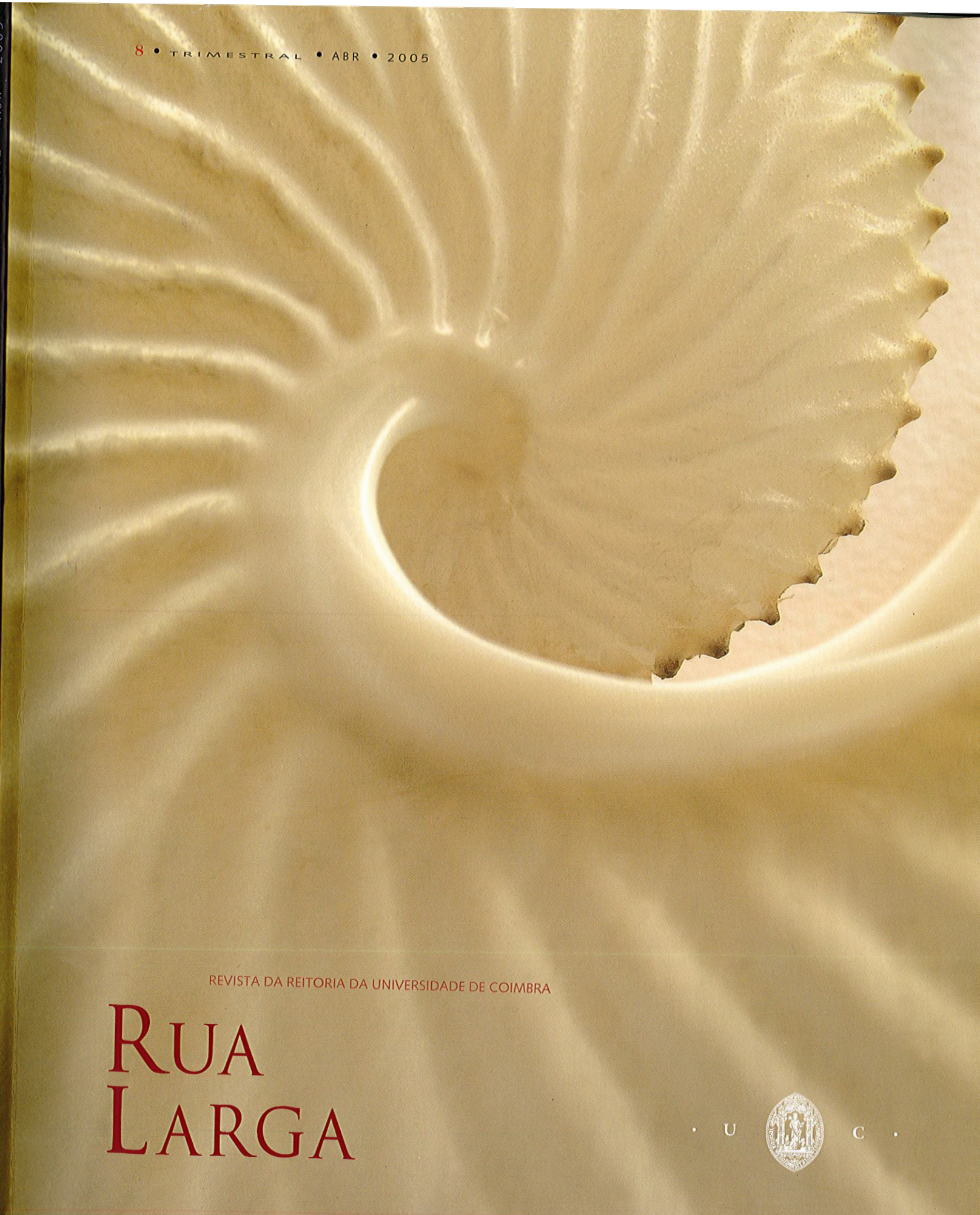


Millennium
bcp

A vida inspira-nos

8 • TRIMESTRAL • ABR • 2005
RUA LARGA

8 • TRIMESTRAL • ABR • 2005



REVISTA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**RUA
LARGA**



PROPRIEDADE: U n i v e r s i d a d e d e C o i m b r a
DIRECTOR: F e r n a n d o S e a b r a S a n t o s
DIRECTOR-ADJUNTO: J o ã o G o u v e i a M o n t e i r o
EDITORIA: C l a r a A l m e i d a S a n t o s
DESIGN: A n t ó n i o B a r r o s
FOTOGRAFIA: J o ã o A r m a n d o R i b e i r o
INFOGRAFIA: Pedro Miguel Duarte • ESTÍMULUS [design]
PRODUÇÃO: I s a b e l T e r r a • T e l. 2 3 9 8 5 9 8 1 4
COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA: Ilídio Barbosa Pereira
COORDENAÇÃO DO CADERNO TEMÁTICO: Helena Freitas e Ana Cristina P. Tavares
EDIÇÃO: G C I • I d e n t i d a d e V i s u a l e E d i ç õ e s
R u a A n t e r o d e Q u e n t a l, 1 9 5 • 3 0 0 0 - 0 3 3 C o i m b r a
IMPRESSÃO: G.C. - Gráfica de Coimbra, Lda. • TIRAGEM: 3 0 0 0 e x.
POSTOS DE VENDA: Livrarias Almedina (rede nacional), Bertrand, Quarteto e XM
ISSN: 1 6 4 5 - 7 6 5 x • A n o t a d o n o I C S
w w w . u c . p t / r u a l a r g a

S U M Á R I O

4 • O ensino das artes na UC • Fernando Seabra Santos

REITORIA EM MOVIMENTO

6 • Inquérito sobre a arte do fogo • Cristina Robalo Cordeiro
8 • Aposta na investigação e na formação pós-graduada • João Carlos Marques

OFICINA DOS SABERES

A c t u a l

12 • Prémio Estímulo à Excelência • Clara Almeida Santos
19 • João Penalva em Serralves • Tânia Saraiva
21 • Lusitânia Romana • José d'Encarnação
22 • Curso integrado Bordéus-Coimbra • Fernando Ruivo
23 • Encontro internacional de coros universitários • Coro Misto da UC

I m p r e s s õ e s

25 • O Fado de Coimbra não existe • Jorge Cravo
27 • Do monumento histórico ao património cultural • Carlos Serra
29 • Ciência, Arte e Tecnologia • Catarina Pires
30 • Línguas, conhecimento e sustentabilidade • Adelaide Chichorro Ferreira
32 • O Mundo à minha procura. Ruben A. 30 anos depois • J. C. Seabra Pereira
34 • Maria Luísa Planas Leitão, *in memoriam* • J. Simões Redinha

B r e v e s

R i b a l t a

38 • Sociedade Filantrópico-Académica de Coimbra • Manuel Ferro
40 • Arquivo da Universidade de Coimbra • Maria José Azevedo Santos
43 • Licenciatura em Administração Pública da FDUC • Fernando Alves Correia

C i ê n c i a R e f l e c t i d a

45 • O sono e o bem-estar • Carlos Fernandes da Silva

A O L A R G O

49 • Entrevista a Luís Miguel Cintra

C r ó n i c a

52 • Repensar a Universidade hoje • Arsélio Pato de Carvalho

R e t r a t o d e C o r p o I n t e i r o

57 • Na oficina do Senhor Linhares

C r i a ç ã o L i t e r á r i a

59 • A linda Inês • Cristóvão de Aguiar

O L u g a r d o s L i v r o s

A g e n d a

SOCIEDADE FILANTRÓPICO-ACADÉMICA DE COIMBRA 155 ANOS DE SERVIÇO À COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA

A nenhum elemento da comunidade académica passa despercebida, muito menos ignorada, a existência da Sociedade Filantrópico-Académica de Coimbra, discretamente instalada na Rua Dr. Guilherme Moreira, nº 14, já que a ela tem de recorrer logo no início da sua passagem pela Universidade, quando se vê na contingência de comprar os impressos e as estampilhas necessárias para a matrícula e inscrições posteriores. Um número mais restrito conhecê-la-á por outros motivos, já que a ela se dirige, a fim de solicitar um apoio económico, por vezes de verdadeira sobrevivência, para poder prosseguir os seus estudos. Entre este número é significativa a quantidade de pedidos apresentados por estudantes dos PALOP que, devido a circunstâncias de inadaptação ou de deficiente preparação, acabam por perder as bolsas de estudo concedidas pelos respectivos países ou pelos Serviços da Cooperação, do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

ORIGENS E MISSÃO DA "FILANTRÓPICA"

Fundada em 1850, pelo então quartanista de Direito, Feliciano Augusto de Brito Correia, natural do Funchal, a Sociedade Filantrópica associava-se na altura a outras instituições que vinham sendo constituídas na cidade, cobrindo as necessidades de outros sectores da população, como a Sociedade de Beneficência para a escola-asilo da 1ª infância, de 1835, e a Sociedade de Beneficência da Tipografia da Universidade, de 1849, que passou a denominar-se Montepio da Imprensa da Universidade, em 1867, e que foi a primeira associação conimbricense de socorros mútuos. Matriculado no primeiro ano em 1845, e contando já 28 anos, Brito Correia era, pois, um aluno maduro e consciente da situação económica e social de muitos dos seus colegas. A 23 de Dezembro de 1849, reúne no edifício da Academia Dramática (antigo Colégio de S. Paulo), um grupo de vinte estudantes da Universidade que deliberou, por unanimidade, a fundação de uma sociedade académica de beneficência. Dali saiu logo nomeada uma comissão, encarregada de redigir as bases de um projecto dos respectivos estatutos, a que

pertenciam José Ferreira de Macedo Pinto, na qualidade de presidente, o próprio Feliciano Augusto de Brito Correia, e ainda João Carlos Massa e António Joaquim Gomes de Abreu. A 13 de Janeiro de 1850, as bases do projecto dos estatutos da Filantrópica são aprovadas, prevendo o artigo 1º os seus fins:

"Criar-se em Coimbra, sede da Universidade portuguesa, uma sociedade que se denominará Sociedade Filantrópico-Académica, e terá por fim o seguinte:

1º assistir com socorros de toda a ordem, que precisos forem, aos estudantes e sócios enfermos;

2º prestar auxílio a mancebos distintos por virtudes e talentos, mas faltos de meios para seguirem os estudos superiores;

3º acudir às necessidades de doutores e empregados maiores da Universidade, que por seus serviços às letras e à Associação se houverem tornado dignos dessa protecção especial, quando caídos em miséria".

A primeira direcção eleita pouco tempo ocupou o cargo, porque o presidente, o Dr. Manuel António Coelho da Rocha, faleceu e os dois restantes membros deixaram de viver na cidade. Eleita a segunda direcção, sob a presidência do conselheiro António Nunes de Carvalho, foi convocada a assembleia geral para eleger nova comissão para a elaboração do projecto dos estatutos, a partir das bases em vigor, sendo os primeiros estatutos aprovados em 26 de Maio de 1852 e reformados, depois, em 7 de Dezembro de 1862.

PARTICULARIDADES DO FUNCIONAMENTO

No entanto, a Sociedade Filantrópica vem a ser suprimida em 1911 (por decreto de 22 de Março, art. 3º, alínea c), ao mesmo tempo que são criadas as bolsas de estudo concedidas pela própria Universidade. Apesar de tal decisão, a 11 de Junho de 1918, também por Decreto (nº 4408), volta a Filantrópica a ser restaurada, passando igualmente a desempenhar a função de procuradoria universitária, o que já tinha acontecido desde Maio de 1899. E se, desta vez, a sua

autonomia passa a ser mais limitada do que anteriormente (já que o seu orçamento e contas passam a ser aprovados pela Junta Administrativa da Universidade), a necessidade do seu funcionamento revela bem a sua importância, evidenciada na cooperação prevista na instituição de bolsas destinadas à comunidade estudantil.

A Sociedade é administrada por uma direcção composta inicialmente por cinco elementos, sendo o cargo de presidente desde o início ocupado por personalidades notáveis do meio académico, Doutores cujos nomes ainda hoje são conhecidos, como Bernardino Machado, Daniel de Matos, António Cândido, Sousa Refóios, Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, Júlio Henriques ou Luís Carrisso. Hoje, estas funções são desempenhadas pelo Professor Doutor Alexandre Morujão e, interinamente, pelo Professor Doutor Aníbal Pinto de Castro.

SÓCIOS E RECEITAS

Entre os seus membros, constava a Sociedade de dois tipos de sócios: os ordinários, estudantes da Universidade e também dos liceus, que pagavam a quota anual de 1200 réis; e os sócios protectores, sócios beneméritos ou honorários, que pagavam igualmente uma quota anual igual ou superior. Entre os sócios beneméritos, nomeiam-se individualidades como o Imperador do Brasil, o último Bispo-Conde de Coimbra, os Condes de Valença, os Condes de Monsarás, o escritor João de Deus, os actores Tabora e Rei Colaço, assim como o pianista Viana da Motta.

Além das quotas, a Sociedade contava ainda com receitas provenientes de legados e donativos de benfeitores tão insígnies como D. Maria II, D. Pedro V, o príncipe Humberto de Itália, D. Luís I, a rainha D. Maria Pia, D. Carlos ou os sócios beneméritos acima referidos. Por outro lado, raro era o ano em que não se realizava um bazar no Jardim Botânico ou no Clube Académico - um momento alto da vida mundana da cidade -, assim como espectáculos, saraus literário-musicais, récitas, inicialmente no Teatro Académico (demolido em 1889), que contavam com a colaboração de artistas de renome nacional e internacional, como o actor Tabora, Emília das Neves, o pianista Rei Colaço, o prestigiador Compars Hermann, a cantora lírica Elisa Volpini, ou figuras como Rafael Bordalo-Pinheiro, a ponto de tais acontecimentos não deixarem indiferente a intelectualidade da época.

Actualmente, a Sociedade Filantrópica ainda recorre aos rendimentos obtidos num posto de abastecimento de combustíveis, situado na Avenida Fernão de Magalhães, junto da Casa do Sal. Nalguns momentos, a própria Universidade não se demite de lhe conceder a devida protecção, não regateando meios morais e materiais, para que a sua acção seja mais eficaz.

DESENVOLVIMENTOS MAIS RECENTES

Mas, com a passagem do tempo, os objectivos da Sociedade Filantrópica foram-se restringindo cada vez mais, passando a beneficiar exclusivamente os estudantes universitários. Os auxílios financeiros traduziam-se, tal como hoje, em subsídios mensais e no pagamento das matrículas, ou só no pagamento das matrículas e inscrições.

A partir de 1859, chegou mesmo a ser concedido aos estudantes pobres uma enfermaria gratuita no Hospital Académico, instalado no extinto Colégio de S. Jerónimo, sendo os medicamentos para eles necessários distribuídos pela Misericórdia. Depois de 1885, os sócios da Filantrópica tinham entrada graciosa na Academia Dramática e, em 1894, foi instituído um prémio para um aluno que se distinguisse no campo da Matemática ou, na sua ausência, da Filosofia.

Hoje, a Sociedade Filantrópico-Académica está fundamentalmente vocacionada para a atribuição de subsídios a alunos que revelam sérias dificuldades económicas e que, por motivos vários, não apresentam as condições necessárias para usufruírem de bolsas de estudos concedidas pelos Serviços Sociais da Universidade ou por quaisquer outras instituições. Assim, nos últimos anos, dos subsídios pecuniários atribuídos, mais de 90 por cento contemplaram alunos provenientes dos PALOP. Condição fundamental para a atribuição desse subsídio é a obtenção de aproveitamento escolar, pelo menos no último ano lectivo. Muitas vezes, porém, são situações desesperadas que ali são expostas, casos humanos angustiantes que apelam à Filantrópica para um auxílio - por mínimo que seja - para aliviar o drama de uma vida longe da família ou de apoios de qualquer natureza. É nesta medida que a Sociedade Filantrópica se esforça por manter vivo o espírito que, desde a sua fundação, a anima e, assim, continua a cumprir a função que assumiu perante a comunidade académica.

MANUEL FERRO